

GIKOVATE
ALÉM
DO DIVÃ

Autobiografia

Flávio Gikovate

mg
MG EDITORES

GIKOVATE ALÉM DO DIVÃ

Autobiografia

Copyright © 2015 by Flávio Gikovate

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

MG Editores

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.mgeditores.com.br>

e-mail: mg@mgeditores.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

S

sumário

INTRODUÇÃO *11*

1 • DO NASCIMENTO À UNIVERSIDADE *21*

2 • 1967-1975: O INÍCIO DA PROFISSÃO *41*

3 • 1976-1985: OS ANOS MAIS CRIATIVOS *61*

4 • 1986-2004: APRIMORAMENTOS *106*

5 • 2005-2015: A MATURIDADE *131*

6 • ALGUMAS PROJEÇÕES PARA O FUTURO *163*

EPÍLOGO *181*

Toda autobiografia é romanceada, e não poderia ser de outra forma. Estou com mais de 70 anos de idade, tenho quase 50 anos de formado e muitos dos fatos mais relevantes do percurso da minha vida aconteceram há várias décadas. Por melhor que seja a memória de uma pessoa, os registros nem sempre são fiéis. Além disso, cada vez que evocamos um acontecimento que nos marcou o fazemos de uma forma diferente; tudo dependerá do estado de alma que nos envolve no momento em que nos lembramos de algo e das razões que nos levaram a fazê-lo. Como ter certeza absoluta de que os fatos, alguns bem antigos, deram-se exatamente como recordamos no presente? Impossível.

Ao escrever este livro, meu propósito não é de natureza pessoal; não se trata de narrar detalhes da minha vida íntima, a não ser aqueles que possam ter interferido no desenvolvimento das minhas ideias acerca da condição humana. Trata-se, antes e acima de tudo, de mostrar de que forma alguns aspectos da minha história e do meu modo de ser e de pensar interferiram na forma como venho exercendo o meu ofício de médico e psicoterapeuta. Além disso, objetivo evidenciar as conexões entre os fatos que observei e as ideias que desenvolvi ao

longo de todas essas décadas. Creio que nossa história pessoal influencia sobremaneira a maneira como pensamos e as conclusões a que chegamos – e isso acontece de forma muito mais sistemática do que alguns teóricos gostariam. Em essência, somos expostos a fatos e elaboramos interpretações pessoais. Assim, penso que Nietzsche estava coberto de razão ao afirmar que conseguimos ir muito pouco além da nossa biografia.

A vida íntima de cada um de nós é composta de um conglomerado de vivências, a maioria delas banal e semelhante às de tantas outras pessoas que crescem no mesmo contexto sociocultural. Porém, algumas dessas experiências são peculiares e, se não únicas, pouco frequentes. Ao lado de certas propriedades inatas, elas definirão nossa forma característica de pensar e agir. Assim, como descreverei melhor no Capítulo 1, o fato de minha mãe ser portadora de uma doença psiquiátrica bastante grave e, ao menos na época, de difícil controle foi uma variável importante para meu encaminhamento profissional. Da mesma forma, o fato de meu pai ser um médico e intelectual respeitado certamente contribuiu para que eu decidisse estudar Medicina. Isso aconteceu, entre outras razões, por eu não ter nascido com nenhuma vocação muito específica. Quanto menos definidos os dons inatos, mais nossas escolhas tendem a depender das circunstâncias.

Nasci nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 11 de janeiro de 1943. Passei a infância em um ambiente em que a influência desse trá-

gico episódio da história recente ainda era bem perceptível. Acompanhei os avanços tecnológicos que começaram a surgir nos anos 1950 e não pararam de se multiplicar a uma velocidade crescente. Formei-me e passei a clinicar mais ou menos na mesma época em que se iniciou a comercialização da pílula anticoncepcional. A revolução nos costumes, oficialmente iniciada em 1968, não parou mais. Foi-me possível acompanhar um período de mudanças drásticas na forma de viver e de pensar das pessoas, o que me coloca em uma condição privilegiada por meio da qual posso observar peculiaridades da psicologia humana antes inacessíveis.

Esse é um aspecto bem claro para mim: usando a inteligência, o homem produz novas ideias, quase sempre inspiradas nos fatos já existentes; estas se transformam na matriz geradora de novos produtos – novos fatos. Estes, por sua vez, alteram, quase sempre de forma radical, o ambiente em que nós, humanos, vivemos e ao qual sempre temos de nos adaptar. Assim, cada vez que novos fatos relevantes acontecem, as pessoas ficam diante de uma circunstância que as obriga a modificar-se e, ao fazê-lo, elas mostram facetas antes invisíveis. Em síntese, novas ideias que derivam dos fatos existentes são o embrião de novos fatos que gerarão novas ideias – e assim sucessivamente. O ambiente em que vivemos modifica-se de forma contínua e precisamos nos adequar a ele, o que implica mudanças em nós. Somos, mais do que se costuma supor, dependentes das peculiaridades da época em que vivemos. E mais: tudo que

pensamos, todas as nossas firmes convicções, têm prazo de validade: caducarão, sendo substituídas por novas ideias que derivarão dos fatos novos.

Se é verdade que algumas de nossas características têm origem biológica, outra parte, igualmente relevante, depende das condições objetivas em que crescemos, da língua que aprendemos, dos pais que tivemos, do progresso tecnológico de que somos testemunhas ao longo da vida. Como subestimar o impacto da internet e de outros avanços na forma de pensar – e até de sentir – das futuras gerações? Impossível supor que os que estão nascendo agora terão os mesmos conflitos e dilemas da minha geração, ainda portadora de muitas das propriedades psíquicas descritas por Freud e seus colegas – as mudanças passaram a ocorrer numa velocidade muito maior a partir da segunda metade do século passado. Assim, penso ser pouco prudente pensarmos em tendências universais e definitivas, sobretudo a respeito daquelas propriedades humanas mais dependentes do contexto sociocultural do que supunham os primeiros psicanalistas.

Um exemplo é suficiente para esclarecer o assunto e mostrar a necessidade de reescrever as propriedades psicológicas das pessoas a cada época. Freud falava em “inveja do pênis” como uma propriedade universal das mulheres, tidas por ele como inferiores (aliás, penso que boa parte de suas teorias foi elaborada levando em conta essencialmente os homens e seus interesses) e sempre incomodadas com os privilégios inatos da con-

dição masculina; isso estava em franca concordância com a visão falocêntrica que vigorava na época. As décadas se passaram e o que vemos hoje? As mulheres são maioria nas universidades e ocupam cada vez mais espaço num mundo tradicionalmente dominado pelos homens. De que forma falar em “inveja do pênis” como algo universal e irreversível? Do meu ponto de vista, essa nunca foi uma verdade absoluta, sendo fato que inúmeras mulheres invejavam a condição masculina, mas não todas. O mesmo vale para a atualidade: há meninas – e depois mulheres – felizes com seu gênero e outras frustradas e inconformadas.

Nos anos 1979 e 1980, dediquei-me a descrever e tentar entender a inveja que muitos homens passaram a sentir explicitamente das mulheres pelo fato de elas lhes despertarem um desejo percebido como não correspondido. Hoje, observo que essa inveja masculina está em franco declínio, pois, desde o “ficar”, os rapazes de 13-14 anos têm tido acesso a moças de mesma idade e classe social, independentemente de também serem desejados – fato inusitado e relevante. Nem a inveja do pênis nem a inveja masculina diante do exibicionismo crescente das mulheres resistiram ao tempo! É temerário, mas no final deste livro registrarei minhas previsões acerca do que poderá acontecer com a sexualidade e seus dilemas nas próximas décadas.

Cada um de nós nasce com propriedades físicas e psíquicas específicas, algumas de caráter positivo e outras negativas. Assim, nasci com péssima motricidade, o que

me vedava várias opções profissionais que exigissem certa destreza manual. Por outro lado, sempre tive facilidade de organizar os pensamentos e elaborar uma sequência lógica e clara tanto ao falar como por escrito. Em parte por gosto, em parte por incompetência, não sou dado a malabarismos estéticos nem na fala nem na elaboração de textos. Acabei preferindo utilizar sempre uma forma direta, mais voltada para a transmissão rigorosa do conteúdo do que para a elegância e a boa forma. Desde moço adorava – e ainda adoro – buscar explicações mais gerais, abrangentes; porém, sempre partindo dos fatos que observo. Nunca fui um teórico, um apaixonado pelas bibliotecas. Desconfio das ideias que derivam de outras ideias e geram mais e mais ideias que se distanciam cada vez mais dos fatos. Podem ser belas, mas as chances de estarem apartadas por completo da realidade tornam-nas, a meu ver, pouco úteis; além disso, a chance de que surjam concepções equivocadas aumenta de forma exponencial.

As circunstâncias especiais da minha história de vida, aliadas às minhas dificuldades e facilidades inatas, conduziram-me a um ofício no qual me dei bem justamente por poder exercer o gosto pelas generalizações. Sempre trabalhei muito e atendi um enorme número de pacientes, e todas as conclusões que registrei estavam em sintonia com os fatos que eu observava no consultório e no mundo. Além disso, minha personalidade foi moldada pela vontade de cuidar das pessoas, de ajudá-las – foi o que fiz, desde muito cedo, com minha mãe.

Acabei me tornando um menino, moço e adulto generoso e bastante empático, atento aos anseios dos outros e ao que acontecia na subjetividade deles. Isso – que hoje não considero uma qualidade – por certo me ajudou a desenvolver as aptidões profissionais necessárias a alguém que, como um “hacker”, precisa entender o que se passa na mente daquele que está à sua frente.

Acompanhei a história de vida de quase 10 mil pacientes; tive a oportunidade de conhecer o destino de um bom número deles, posto que voltaram a me ver depois de décadas. Em vários aspectos, minha vida pessoal também sofreu o impacto dos acontecimentos que marcaram minha geração, de modo que vivenciei muitos dos dilemas e contratempos que observei no cotidiano dos meus pacientes. Vivi as dores próprias daqueles que tiveram de abandonar o vício do cigarro, de quem foi gordo desde criança e depois conseguiu emagrecer definitivamente, dos que passaram pela paixão, por amores fracassados... Experimentei momentos tristes e difíceis na profissão; em certos períodos fui malvisto em função de pontos de vista divergentes daqueles aceitos pela maioria dos meus colegas. Mas nunca me faltaram alegrias imensas, tanto no plano da vida sentimental como profissional: o respeito daqueles que me conhecem pessoalmente sempre me confortou. Não me aborreço com as diferenças de opinião nem com as divergências acerca de como interpretar dado fato. Fiquei, por vezes, indignado com a maledicência gratuita, mas hoje, felizmente, ela acontece em doses bem menores, e não creio que ainda viesse a me aborrecer.

As histórias de vida são a resultante de uma série de elementos constitutivos, muitos dos quais não aparecem de forma clara e consciente no momento em que os vivenciamos. Assim, por vezes sentimo-nos governados pela mera fatalidade. A análise posterior dos fatos, porém, mostra que estávamos regidos por determinados vetores que direcionavam nossas decisões de modo sutil e poderoso. Isso acontece com frequência nas escolhas sentimentais: parece que fomos tomados por flechadas do Cupido, mas a análise cuidadosa mostra-nos que aquela era a parceria adequada e ansiada naquele momento da vida. Muitas dessas escolhas têm, como nossas ideias e convicções, prazo de validade, mostrando-se equivocadas no futuro. Mas não o foram: fizeram parte do nosso projeto de vida possível, daquilo que estávamos em condições de experimentar naquele momento.

Entre erros e acertos, acho que consegui extrair uma cota significativa de conhecimentos das minhas vivências e também das observadas em meus pacientes. Considero-as fatos e acredito que as ideias e teorias que desenvolvi estão em sintonia com eles. Caso venham a me mostrar que os conceitos que elaborei estão equivocados, não titubeari em renunciar às ideias. Os fatos são e têm de ser soberanos. Infelizmente, porém, muitos de nós acabam tão encantados com determinadas ideias que, mesmo quando os fatos não as confirmam, renunciam a eles! E mais: com base em determinadas ideias fundamentais, deduzem outras que pretendem explicar e esclarecer inúmeros outros dilemas existenciais – a

coerência interna de uma teoria costuma se tornar tão fascinante que leva o aprendiz a aderir a ela com todo o vigor de sua mente. Essas chamadas “grandes narrativas” podem ser emocionantes, mas não têm nada que ver com o pensamento científico, aquele que exige comprovação pela experiência concreta e cujas ideias estão em constante questionamento, podendo ser substituídas por outras mais abrangentes a qualquer instante.

O que me move a escrever este livro é a vontade de mostrar como os fatos que observei na clínica – além do permanente trabalho de introspecção e autoconhecimento e de ter conhecido os aspectos mais relevantes da obra de teóricos significativos – permitiram-me sistematizar minhas reflexões na forma de conceitos e princípios, revisados ao longo dos anos. Assim, para aqueles que quiserem entender a essência da minha produção intelectual, esta obra oferece um testemunho da sequência de fontes que me foram mais importantes.



1 um

DO NASCIMENTO À UNIVERSIDADE

Sou filho único de uma família de judeus que migrou para o Brasil após a Primeira Guerra Mundial. Meu pai veio da Polônia em 1919 e minha mãe da Romênia alguns anos depois. Ele tinha 11 anos e sempre foi muito determinado, além de ser dotado de uma inteligência privilegiada. Aprendeu rapidamente a nova língua e frequentou o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro – à época uma escola estadual de grande prestígio. Pulou várias séries em virtude de sua competência e em 1932, aos 24 anos, formou-se médico pela Universidade do Brasil, localizada naqueles belos prédios que se estendem ao longo da avenida que leva à Praia Vermelha. Minha mãe também estudou por aqui e ambos falavam perfeitamente o português. Eles se conheceram no fim da década de 1930 e se casaram quando meu pai já estava estabelecido em São Paulo, cidade onde nasci.

A dedicação e a atenção do meu pai sempre se alternaram entre a medicina e a política, tendo ele militado em todos os partidos de esquerda que por aqui existiram. Preso em 1935, durante a Intentona Comunista, foi solto em 1937 e passou a lecionar Biologia na capital paulista, até que no início dos anos 1940 voltou a se dedicar mais intensamente à medicina. Jamais se afastou